



# COLÓQUIO

---

# Letras

MANUEL ALEGRE



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

número 211 Setembro/Dezembro 2022

# COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



## CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins  
(PRESIDENTE)  
Ana Paula Tavares  
(ANGOLA)  
Carlos Mendes de Sousa  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)  
Cleonice Berardinelli  
(PUC - BRASIL)  
Germano Almeida  
(CABO VERDE)  
Gilda Santos  
(UFRJ - BRASIL)  
Helder Macedo  
(KING'S COLLEGE - LONDRES)  
Ida Ferreira Alves  
(UFF-BRASIL)  
José Manuel da Costa Esteves  
(UNIV. PARIS NANTERRE)  
Laura Cavalcante Padilha  
(UFF-BRASIL)  
Leyla Perrone Moisés  
(USP-BRASIL)  
Luís Bernardo Honwana  
(MOÇAMBIQUE)  
Maria Andresen de Sousa Tavares  
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)  
Maria João Reynaud  
(UNIVERSIDADE DO PORTO)  
Oswaldo Manuel Silvestre  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)  
Rita Marnoto  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)  
Sérgio Nazar David  
(UERJ-BRASIL)

## DIRETOR

Nuno Júdice  
APOIO À DIREÇÃO  
Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL  
Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso – 13 €  
Assinatura anual (3 números)  
36 € – Portugal  
40 € – Especial\*  
55 € – União Europeia  
65 € – Resto do Mundo  
Os preços para Portugal incluem o IVA.  
\* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe  
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA  
Tel.: 21 782 35 67  
E-mail: [coloquioletras@gulbenkian.pt](mailto:coloquioletras@gulbenkian.pt)  
[www.coloquio.gulbenkian.pt](http://www.coloquio.gulbenkian.pt)

ASSINATURAS  
Vendas – Fundação Calouste Gulbenkian  
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA  
Tel: 21 782 32 92 / [vendas@gulbenkian.pt](mailto:vendas@gulbenkian.pt)

DESIGN Overshoot Design  
CAPA Overshoot Design  
(a partir de uma obra de Manuela Pimentel & JAS)

IMPRESSÃO Greca  
ESTATUTO EDITORIAL  
Disponível em [coloquio.gulbenkian/contactos/](http://coloquio.gulbenkian/contactos/)

TIRAGEM 700  
DEPÓSITO LEGAL 44718/91  
ISSN 0010-1451

## SUMÁRIO

### MANUEL ALEGRE

- 19 Manuel Alegre: o ofício do poeta  
*Paula Morão*
- 28 Da Flor de la Mar à «rosa de sangue»  
*Teresa Carvalho*
- 34 Repercussão, o último círculo  
*Rita Taborda Duarte*
- 44 Poesia, utopia: a poética do tempo em Manuel Alegre  
*Mário César Lugarinho*
- 57 Marés do tempo: o exílio na poesia de Manuel Alegre  
*Elsa Rita dos Santos*
- 67 Catorze versos são uma prisão?  
*Barbara Gori*

### ARTIGOS

- 79 As duas edições de ‘Os Lusíadas’: ‘fact check’  
*Rita Marnoto*
- 91 ‘O Primo Basílio’ e a censura  
*Sonia Netto Salomão*
- 102 «A gente não se ouve, a gente fala»: a poesia  
de Boaventura de Sousa Santos  
*Graça Capinha*

### POESIA

- 11 *Manuel Alegre*
- 115 *Marcos Foz*

### DOCUMENTOS

- 123 Do comboio às sardinhas: encontros entre Rui Cacho e Ruy Belo  
*Manáira Aires Athayde*

### IN MEMORIAM

- 141 António Osório ou lágrimas por Heitor  
*Guilherme d’Oliveira Martins*

### NOTAS & COMENTÁRIOS

- 149 No mundo de Ana Luísa Amaral  
*Rosa Maria Martelo*
- 155 Da descrença criadora  
*João Barrento*
- 161 Mão-cheia de silêncio  
*Tomás Maia*

- 167 Relendo Almeida Faria  
*Maria João Reynaud*

#### RECENSÕES CRÍTICAS

##### LITERATURA PORTUGUESA

###### EDIÇÃO

- 177 *Redondilhas de Camões*, ed. Barbara Spaggiari  
ÂNGELA CORREIA
- 179 *Os Lusíadas*, ed. Rita Marnoto, dir. artística de Tiago Manuel  
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

###### POESIA

- 182 *Ilíada*, Alberto Pimenta  
RITA TABORDA DUARTE
- 184 *Caderneta de Lembranças*, A. M. Pires Cabral  
JOSÉ RICARDO NUNES
- 187 *Ossos de Sépia*, Rui Diniz  
GRAÇA VIDEIRA LOPES
- 189 *Caos e Catástrofe*, Luís de Miranda Rocha  
ANTÓNIO JACINTO PASCOAL
- 191 *Sem Rasto*, Fátima Maldonado  
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 193 *Os Grandes Lagos da Noite*, José Manuel de Vasconcelos  
ELISABETE MARQUES
- 196 *Amor Cão e Outras Palavras Que não Adestram*, Rosa Alice Branco  
PAOLA POMA
- 198 *De Coração Aberto*, Fernando de Castro Branco  
FERNANDO J. B. MARTINHO
- 200 *Desvio-Me da Bala Que Chega Todos os Dias*, Rosa Oliveira  
LEONARDO GANDOLFI
- 203 *Atinar para o Torto*, Margarida Vale de Gato  
JOSÉ RICARDO NUNES
- 205 *Firmamento*, Rui Lage  
GOLGONA ANGHEL
- 208 *Avalanche*, Marta Chaves  
MIGUEL MARTINS
- 210 *Que Túmulo em Que Talhão*, João Moita  
MIGUEL MARTINS

###### FICÇÃO

- 212 *Alcateia*, Carlos de Oliveira  
JOSÉ EDUARDO REIS
- 215 *Festa Pública, Orlando em Tríptico e Aventuras...*, Virgílio Martinho  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 217 *Irradiante, o Negro*, Rui Nunes  
HUGO PINTO SANTOS
- 221 *Eu e Tu*, Jorge Roque  
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO
- 223 *As Doenças do Brasil*, Valter Hugo Mãe  
CARLOS NOGUEIRA

- 167 Relendo Almeida Faria  
*Maria João Reynaud*

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO

- 177 *Redondilhas de Camões*, ed. Barbara Spaggiari  
ÂNGELA CORREIA
- 179 *Os Lusíadas*, ed. Rita Marnoto, dir. artística de Tiago Manuel  
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

POESIA

- 182 *Ilíada*, Alberto Pimenta  
RITA TABORDA DUARTE
- 184 *Caderneta de Lembranças*, A. M. Pires Cabral  
JOSÉ RICARDO NUNES
- 187 *Ossos de Sépia*, Rui Diniz  
GRAÇA VIDEIRA LOPES
- 189 *Caos e Catástrofe*, Luís de Miranda Rocha  
ANTÓNIO JACINTO PASCOAL
- 191 *Sem Rasto*, Fátima Maldonado  
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 193 *Os Grandes Lagos da Noite*, José Manuel de Vasconcelos  
ELISABETE MARQUES
- 196 *Amor Cão e Outras Palavras Que não Adestram*, Rosa Alice Branco  
PAOLA POMA
- 198 *De Coração Aberto*, Fernando de Castro Branco  
FERNANDO J. B. MARTINHO
- 200 *Desvio-Me da Bala Que Chega Todos os Dias*, Rosa Oliveira  
LEONARDO GANDOLFI
- 203 *Atirar para o Torto*, Margarida Vale de Gato  
JOSÉ RICARDO NUNES
- 205 *Firmamento*, Rui Lage  
GOLGONA ANGHEL
- 208 *Avalanche*, Marta Chaves  
MIGUEL MARTINS
- 210 *Que Tímulo em Que Talhão*, João Moita  
MIGUEL MARTINS

FICÇÃO

- 212 *Alcateia*, Carlos de Oliveira  
JOSÉ EDUARDO REIS
- 215 *Festa Pública, Orlando em Tríptico e Aventuras...*, Virgílio Martinho  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 217 *Irradiante, o Negro*, Rui Nunes  
HUGO PINTO SANTOS
- 221 *Eu e Tu*, Jorge Roque  
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO
- 223 *As Doenças do Brasil*, Valter Hugo Mãe  
CARLOS NOGUEIRA

Virgílio Martinho

FESTA PÚBLICA, ORLANDO  
EM TRÍPTICO E AVENTURAS,  
RAINHAS CLÁUDIAS AO  
DOMINGO

Apresentação de Luís Miguel Rosa, notas e notícia  
bibliográfica de Carlos Alberto Machado  
Lajes do Pico, Companhia das Ilhas / 2021

O surrealismo em Portugal tem sido associado à poesia em verso e às artes plásticas, dois veios bem desenhados por onde correram as mais conhecidas águas, mas de modo nenhum exclusivas, dos que assumiram historicamente entre nós as posições daquele movimento. É preciso atender a que Mário Cesariny deixou uma considerável e muito rica obra crítica, toda ela marcada por um ponto de vista que não se afasta da sua premissa poética, recolhida no livro *As Mãos na Água a Cabeça no Mar* (1972; 1985; 2015), e fez uma livre deambulação narrativa com *Titânia* (publicada só em 1977 mas já escrita desde o início da década de 1950), que por sua vez tinha dois ilustres antecedentes, até no que essa *Titânia* tem de operaticamente fantástico — *Apenas Uma Narrativa* (1942), de António Pedro, e *Um Homem de Barbas* (1944), de Manuel de Lima. E é impossível apagar a criação de Mário-Henrique Leiria, animada toda ela por um poderoso sopro expressivo, que tanto se manifestou no verso, na pintura, na montagem de objectos como em micronarrativas de invulgar alcance, que estão hoje ainda por apreciar em todo o seu valor, mau grado o muito valioso trabalho crítico e editorial que Tania Martuscelli fez recentemente sobre a sua obra.

Sem embargo, é na obra inicial de Virgílio Martinho (1928-1994) que a nosso ver o surrealismo melhor concentrou entre nós a sua explosiva expressão narrativa em prosa. Autor de oito textos de ficção, publicados entre 1958 e 1988, e até de

um breve livro de poemas dado a lume postumamente (2016), é porém como dramaturgo — um dramaturgo que se estreou tardiamente com *Filopópulus* (1970; 1973) — que ficou melhor conhecido dos leitores, pelas ligações físicas que teve ao Grupo de Teatro de Campolide (depois Grupo de Teatro de Almada) e pela representatividade das peças. A sua obra narrativa incide sobretudo no imperfeito vinténio que vai de 1958 a 1976, já que o derradeiro livro, *O Menino Novo* (1988), além de breve, intertextualiza uma peça sua anterior, «Morte em Terras de Montemor» (1981).

A editora Companhia das Ilhas, sediada nos Açores, acaba de editar um primeiro volume das obras de Virgílio Martinho, reunindo as suas duas primeiras narrativas, *Festa Pública* (1958) e *Orlando em Tríptico e Aventuras* (1961), a que juntou uma breve história posterior, *Rainhas Cláudias ao Domingo* (1972), editada na época pelo *Jornal do Fundão*, onde Martinho colaborava com Vitor Silva Tavares. Entre os textos de estreia e este do início da década de 1970 temos de permeio a publicação do romance *O Grande Cidadão* (1963), que merecerá decerto, pelo número de páginas e pelo destaque que tem na obra narrativa do autor, um tomo autónomo nesta colecção consagrada a Virgílio Martinho, cujo primeiro volume, este que agora comentamos, é enriquecido por um estudo introdutório pessoal, capaz de iluminar o que mais importa na escrita narrativa de Martinho, da autoria de Luís Miguel Rosa (embora uma categoria por ele usada como *performance narrativa* se possa afigurar pouco ajustada à experiência poética do autor de *Festa Pública*) e por uma informada notícia final biobibliográfica da autoria do editor, Carlos Alberto Machado.

Este volume agora saído é a ocasião indicada de relermos os dois primeiros

livros do autor, o primeiro deles editado por Mário Cesariny numa colecção onde deu a lume outrossim as estreias de António José Forte e de Luiz Pacheco. Confirma-se nessa releitura a proposição de que as narrativas iniciais de Virgílio Martinho são as que melhor deram expressão no campo narrativo ao surrealismo entre nós. Embora se possa adiantar alguma dívida seminal para com o Manuel de Lima dos romances de 1944 e 1953, editado este na chancela de Luiz Pacheco, o certo é que esta escrita se autonomiza e individualiza num registo de automatismo inteiramente novo, preferindo trocar os sobressaltos rocambolescos do fantástico, tão característicos de Manuel de Lima — como aliás do António Pedro de *Apenas Uma Narrativa* —, por uma metralha de associações verbais livres, que dão a esta prosa uma feição inebriante, inflamada e febril, com paralelo em alguns disparos torrenciais em verso de António Maria Lisboa e Mário Cesariny.

Dito isto, não se pense que se trata de uma prosa sem nexos, desconjuntada e informe. Ao invés, o jacto das associações livres apresenta um notável domínio de forma, uma vigilância e uma atenção que transformam esta matéria verbal automática num caos rítmico e organizado, com uma capacidade de representação sugestiva notável. Um texto corrido como *Festa Pública* (19-37), com longos parágrafos, misturando e quase indiferenciando as intervenções do narrador e das personagens, com saltos abruptos de vozes e de cenas, com um colorido inusitado de transições, parece ser muito mais uma «simulação» trabalhada de um estado verbal automático, obtido por meio de um processo analítico consciente e voluntário, na linha do que Paul Éluard e André Breton fizeram com os decalques psicóticos de *L'Immaculée conception* (1930), do que um jacto onírico «verdadeiro», espontâneo

e natural. O mesmo se pode dizer para os seis breves textos que compõem o livro de 1961 e que, ganhando um segmento narrativo mais preciso (veja-se por exemplo a encenação satírico-revolucionária em «Morto Glorioso», 89-103), não perdem nenhuma da alta qualidade de simulação verbal automática do texto de 1958.

Vistos à distância de mais de sessenta anos, estes dois breves livros de Martinho não nos surgem apenas como um ponto alto da narrativa surrealista em Portugal, ou mesmo o seu ponto cimeiro, mas ainda como o lugar seminal onde se antecipam os cortes experimentais que terão lugar na narrativa portuguesa não surrealista da década de 1960 — de Almeida Faria a Maria Velho da Costa. Aquilo que sucedeu com os processos surrealistas de renovação do poético, que acabaram por contaminar de forma decisiva poetas de outras correntes, parece repetir-se na narrativa, onde os processos radicais de fragmentação e de corte que encontramos nos modos de narração de António Pedro, Manuel de Lima e Virgílio Martinho, num processo contínuo que atinge o pico explosivo neste último, extravasam para experiências narrativas distintas, de captação realista ou existencial.

O terceiro livro recolhido neste primeiro volume das obras do escritor, *Rainhas Cláudias ao Domingo*, é um caso diferente. Pelo meio houve a escrita de *O Grande Cidadão*, que implicou uma diversificação dos meios narrativos de Martinho, que neste romance se afastou do automatismo mais estralejante para se aproximar, embora com recurso a criações imaginativas e arquetípicas, dos processos de apresentação realista. É o que se passa na brevíssima novela de 1972, que, estando longe de poder ser incluída na literatura realista, constitui um soberbo exemplo das capacidades narrativas de atenção ao real que por essa época um sector do sur-

realismo português, aquele que se assumia como abjeccionista, manifestava. Com recurso a uma história marginal, mas humanamente comovente, o encontro de um quase adolescente sem dinheiro com uma prostituta de rua, mostrando ainda uma agilidade narrativa e uma cintilante habilidade nos diálogos, com uma gíria lisboeta de ouvido muito bem musicada, esta noveleta pertence ao fecundo meio donde saíram as mais marcantes narrativas do Luiz Pacheco de *Exercícios de Estilo* (1973) — antes de qualquer outra, «Conversa de Três».

Cientes da representatividade que a primeira narrativa surrealista de Virgílio Martinho tem — daí a admiração que Mário Cesariny lhe votou, publicando-a numa coleção sua e dando depois ao seu autor um merecido destaque no volume *A Intervenção Surrealista* (1966) —, só podemos desejar que a edição das suas obras prossiga, de modo a que muito em breve a sua criação mais significativa — e não só no campo da narrativa, embora neste a sua marca nos pareça, por tudo o que realiza e antecipa, indeclinável — esteja disponível em edições actualizadas e de bom aparato crítico como esta que agora surgiu a público.

*António Cândido Franco*

[O Autor segue a antiga ortografia.]

**Rui Nunes**

**IRRADIANTE, O NEGRO**

Lisboa, Relógio d'Água / 2022

A escrita de Rui Nunes denota sempre um avanço para lá de certo limite. Possivelmente, serão múltiplos conjuntos de extremos que o texto do autor experimenta, tumultua e transpõe. Como se um muro final, que se pudesse conceber em per-

manência, ao mesmo tempo funcionasse como linha de horizonte e instigador de superação. A intervenção de Nunes implica, a cada um dos seus títulos publicados, retomar após uma destruição. A imagem possível seria a de um pós-apocalipse. E, no entanto, se cada livro devasta de forma resoluta, a obra seguinte nunca reconstrói, como se nada a tivesse antecedido; partirá sempre, nas suas edificações, de um pressuposto que o leitor acredita ser capaz de reconhecer, sem que, ao tomar contacto com as palavras do autor, deixe de sofrer novos sobressaltos, a cada investida. Quem lê, por conseguinte, um livro de Rui Nunes sabe o caminho — e não o entende perfeitamente, nem pode retê-lo por completo —, reconhece processos e modos — mas não terá como prever até onde esta concepção de escrita o pode levar. Perspectivas como a linha horizontal do modelo narrativo, pródigo em dados organizadores, facilitador de hierarquias e constituição de sentidos, que permitam o acesso a uma visão de mundo mais ou menos conciliada; nexos articulatórios, ou mesmo a própria hipótese do relato; a conta que se dá do mundo — todas estas possibilidades se voltam noutras tantas encarnações (ou «desencarnações»), nesta conjuntura de escrever. Porque nem pode dizer-se que se trate nunca de um relato, quando deste autor nos abeiramos, nem de qualquer devaneio que resultasse da abdicação absoluta desse paradigma retórico. Imagine-se, talvez, o rescaldo para uma deflagração, de que, por momentos, pudéssemos ainda escutar os rumores finais. Seja esta escrita, por aproximação puramente especulativa, o que sobrasse de uma rasoira sem contemplos. O que restasse mereceria ficar.

Não seria aconselhável falar-se de experimentação, diante dos livros publicados por Rui Nunes. A não ser que desta palavra se retivesse um sentido de tal